

HORTA MEDICINAL: A ENFERMAGEM ATUANDO NA SAÚDE DA COMUNIDADE VIA A FITOTERAPIA.

Beatriz Araújo Krauze (biakrauze97@gmail.com)

Aluna do Curso de Enfermagem da FAACZ

Isabela Redivo de Oliveira (isaredivo@gmail.com)

Aluna do Curso de Enfermagem da FAACZ

Sabrina Maria Batista do Nascimento (sabrina.maria@fsjb.edu.br)

Preceptora do Curso de Enfermagem da FAACZ

João Carlos Arivabene (joao.ca@fsjb.edu.br)

Professor do Curso de Enfermagem da FAACZ

RESUMO

O objetivo do estudo foi conhecer os saberes, as práticas e outros interesses sobre o uso terapêutico de plantas medicinais, por usuários do programa HIPERDIA do Sistema Único de Saúde (SUS) de uma comunidade do Município de Aracruz - ES. A amostra do estudo foi constituída por 12 (doze) usuários do programa HIPERDIA do SUS. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada realizada no primeiro semestre do ano de 2023, posteriormente os dados foram analisados seguindo o método de categorização. Observou-se que 75% (setenta e cinco) dos entrevistados são do sexo feminino e 25% (vinte e cinco) do sexo masculino. A entrevista semiestruturada foi composta por dez perguntas abertas e dez perguntas fechadas com o objetivo de colher informações sobre o uso, conhecimento e aceitação de plantas medicinais, de forma a tornar a entrevista mais dinâmica, foram frisadas as perguntas abertas como onde aprendeu-se sobre o uso ou como faz-se o preparo para uso, 12 entrevistados (100%) citaram a importância do uso de plantas medicinais. Como sugestões para a melhora do processo da utilização e também dos saberes sobre a fitoterapia é importante a qualificação dos profissionais já atuantes na área e da inclusão da fitoterapia na grade curricular dos universitários.

PALAVRAS-CHAVE: Fitoterapia; Horta medicinal; Enfermagem.

ABSTRAT

The objective of the study was to know the knowledge, practices and other interests about the therapeutic use of medicinal plants, by users of the HIPERDIA program of the Unified Health System (SUS) of a community in the Municipality of Aracruz - ES. The study sample consisted of 12 (twelve) users of the SUS HIPERDIA program. Data were collected through semi-structured interviews, carried out in the first half of 2023, later the data were analyzed following the categorization method. It was observed that 75% (seventy-five) of the interviewees are female and 25% (twenty-five) are male. The semi-structured interview consisted of ten open questions and ten closed questions with the aim of gathering information about the use, knowledge and acceptance of medicinal plants, in order to make the interview more dynamic, open questions were asked such as where they learned about use or how to prepare for use, 12 respondents (100%) mentioned the importance of using medicinal plants. As suggestions for improving the process of using and developing knowledge about phytotherapy, it is important to qualify professionals already working in the area and to include phytotherapy in the curriculum of university students.

KEYWORD: Herbal Medicine; Medicinal Garden; Nursing.

1 – INTRODUÇÃO

O uso de plantas e ervas medicinais, a fitoterapia, como prática terapêutica social vem sendo usada desde a muito tempo, onde vários povos, entre eles, egípcios e chineses, já usavam e catalogavam as plantas para a cura e o alívio de sinais e sintomas, os males daquela época. Até hoje, esses saberes são repassados de geração a geração pelos conhecedores do ramo, como também, pelo povo em geral, saberes esses que normalmente são específicos de cada região. Ao entrarmos no contexto-histórico da utilização de plantas

medicinais, podemos citar no período da pré-história o uso dos recursos naturais para a realização das atividades básicas, como por exemplo, a alimentação. Também vale ressaltar que o uso das plantas na pré-história baseava-se em uma perspectiva “mágico-simbólicas” popularmente conhecidas como culturas e tradições.

A fitoterapia e o uso de plantas medicinais como método terapêutico se tornaram parte da história da humanidade com o decorrer do tempo. O homem pré-histórico já sabia distinguir as plantas comestíveis daquelas que poderiam curar suas moléstias.

Além disso, existem relatos lendários em que se atribuem às plantas poderes divinos, pois seu uso fazia parte de rituais religiosos que colocavam os homens em contato direto com os deuses. Essas valiosas informações foram sendo, inicialmente, transmitidas oralmente às gerações seguintes para, posteriormente, com o surgimento da escrita, passarem a ser compiladas e arquivadas. Sendo assim, o primeiro levantamento do uso de plantas como fins medicinais foram escritos em cuneiformes, criado na Mesopotâmia 2.600 a.c (BRANDELLI, 2017, p.2).

Atualmente, a fitoterapia normalmente é usada como forma de solucionar alguma comorbidade onde a mesma não é solucionada com a medicina convencional, desde que haja evidência física da utilidade do medicamento à base de plantas para determinada doença.

A utilização de plantas medicinais está presente em diversas culturas há muitos séculos e se torna uma escolha principalmente pelo fato de acreditar-se ser natural e sem efeitos adversos, ao contrário dos medicamentos alopáticos. Fatores como falta de acesso aos serviços de saúde também contribuem para a busca das plantas medicinais (SILVA; SANTANA, 2018, v.26, n. 3, p. 118-123).

Ainda para essa autora, há diminuição do uso das plantas medicinais comparado aos anos anteriores e referentes ao processo de industrialização e tecnologia junto ao surgimento e comercialização de fármacos, ainda há quem prefira o uso dos fitoterápicos e acredita no seu poder curativo, seja ele como forma alternativa no tratamento de patologias ou por ser a única opção devido ao alto custo dos medicamentos industrializados, o acesso precário à assistência médica ou ao estilo de vida mais simples.

Acredita-se, que o cuidado realizado por meio das plantas medicinais seja favorável à saúde humana, desde que o usuário tenha conhecimento prévio de sua finalidade, riscos e benefícios (Machado et al, 2006). No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tem a obrigação de registrar todos os medicamentos, inclusive os fitoterápicos. Além disso, tal agência rodeia-se da comercialização dos medicamentos, sendo capaz de retirá-los do mercado, caso seu uso manifeste risco para o consumidor. Segundo a Resolução da Diretoria Colegiada no 48/2004 – ANVISA, fitoterápicos são produtos obtidos de matéria-prima exclusivamente vegetal, com finalidade profilática, curativa ou paliativa, incluindo medicamento fitoterápico e produto tradicional fitoterápico, podendo ser simples, quando o ativo é proveniente de uma única espécie vegetal medicinal, ou composto, quando o ativo é proveniente de mais de uma espécie vegetal.

Nesse contexto, o projeto “Horta Medicinal: A Enfermagem atuando na saúde da Comunidade via a Fitoterapia”, além do uso da fitoterapia como prática de saúde, seja ela preventiva, curativa e ou terapêutica, agrega outros valores como, auxílio no incentivo ao cultivo e consumo de alimentos orgânicos. Por meio do cultivo de plantas e ervas medicinais e outras de interesse da comunidade, objetiva-se favorecer auxílio terapêutico para o bem-estar e desenvolvimento de um processo de vivências, pesquisa, auto formação e construção coletiva.

Vale ressaltar que fomentar futuras pesquisas em fitoterapia e horta medicinal é de grande relevância, intensificar a importância da qualificação/capacitação dos usuários em repassar as informações (científicas) aos demais da comunidade/familiares, o crescimento dos acadêmicos em formação e na relevância da educação em saúde nos programas governamentais.

Diante do exposto, essa pesquisa teve como objetivo geral conhecer os saberes, as práticas e outros interesses sobre o uso terapêutico de plantas medicinais, pelos usuários do programa HIPERDIA do Sistema Único de Saúde (SUS) de uma comunidade do Município de Aracruz - ES. E como específicos: Levantar as plantas medicinais mais utilizadas pelos referidos usuários (Programa HIPERDIA – SUS) no tratamento de patologias que afetam os moradores desta comunidade, e, identificar o interesse da implantação de cultivo de uma horta medicinal comunitária nessa localidade.

2 – PERCURSO METODOLÓGICO

É uma pesquisa qualitativa que se define em examinar evidências fundamentadas em dados verbais e visuais para compreender um fenômeno em profundidade. Contudo, seus resultados surgem de dados empíricos, coletados de forma sistemática; sendo ela exploratória, que confia na experiência e vivência do sujeito em relação ao fenômeno estudado, contudo analítica, que envolve uma avaliação mais aprofundada das informações coletadas em um determinado estudo, observacional ou experimental, na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno no âmbito de um grupo, grupos ou população. Nesse estudo tal natureza se dá pelo conhecimento dos saberes e práticas interesses sobre o uso terapêutico de plantas medicinais.

Os sujeitos da pesquisa foram usuários do programa HIPERDIA do SUS. A coleta de dados se deu através de um roteiro de entrevista semiestruturado, onde consistiu de um modelo de entrevista flexível, possuindo um roteiro prévio, que abriu espaço para que o candidato e entrevistador fizessem perguntas fora do que havia sido planejado, onde o diálogo se tornou mais natural e dinâmico (COSTA, DEDILA, 2022). Tal entrevista foi aplicada aos participantes do programa HIPERDIA no período de abril a maio de 2023, no turno da manhã, no horário das 7h às 12h, onde constou com dez perguntas fechadas e dez abertas sobre o uso, conhecimento e aceitação de plantas medicinais. As entrevistas foram gravadas em um gravador de voz via celular e posteriormente transcritas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após terem sido informados individualmente, em linguagem acessível e clara, sobre os objetivos do estudo, bem como dos benefícios que essa proporcionaria, e, ainda, de que seriam garantidos a privacidade e o sigilo quanto aos seus nomes e que apenas as informações por eles prestadas seriam utilizadas para fins de pesquisas e outros estudos.

As entrevistas ocorreram na Igreja Paróquia São Judas, onde o programa HIPERDIA da Unidade de Saúde da Família do Bela Vista é realizado, localizado no bairro Cohab IV na cidade de Aracruz e também na Unidade de Saúde da Família Margarida Campagnaro Guideth, localizada no bairro Campagnaro, no município de Ibirapu. Foram contemplados 12 (100%) participantes das áreas de abrangência, sendo 3 (25%) homens e 9 (75%) mulheres. Como critério de inclusão, utilizaremos as características compartilhadas por todos os sujeitos a serem estudados, daqueles usuários participantes do programa HIPERDIA. Sendo assim, o critério de exclusão se dá uma característica ou circunstância que impede a inclusão do sujeito no estudo, os não participantes do programa HIPERDIA, e indivíduos menores que 18 (dezoito) anos.

Em cumprimento a isto, eles receberam codinomes de madeiras (Cumarú, Freijó, Ipê, Jatobá, Aroeira, Cedro, Carvalho, Itaúba, Pinho, Louro, Imbuia e Jacarandá). Por fim, foram, também, esclarecidos de que não haveriam riscos nem obrigatoriedade em sua participação, e que sua exclusão da pesquisa poderia ser solicitada a qualquer momento de seu desenvolvimento. Foi acordado com cada um deles sobre qual o período em que suas práticas com as plantas seriam citadas e quais momentos de conversa seriam registrados como material da pesquisa.

Utilizou-se para análise dos resultados e discussões o método de categorização. A etapa de categorização é uma parte importante do processo de criação de um tesouro. Ela envolve a identificação das possíveis classes gerais ou categorias de conceitos que são relevantes para a área de conhecimento abordada pelo tesouro (CAMPO, MARIA LUIZA ALMEIDA, 2006). A categorização ajudou a estabelecer as bases para a seleção dos termos que foram incluídos no tesouro. Na categorização, analisam-se o domínio temático do tesouro, e também identificam as classes amplas de conceitos que se encaixam nesse domínio. Essas categorias podem ser baseadas em diferentes critérios, como assuntos, temas, disciplinas,

tipos de objetos ou qualquer outra abordagem que seja apropriada para a área de conhecimento em questão.

Assim, ficou definido as categorias seguindo o roteiro de entrevista proposto, onde buscou-se citar depoimentos que vão de acordo com tais categorias e conclusões encontradas mediante respostas obtidas dos entrevistados. Aqui, elenca-se as categorias definidas: Saberes e utilização de plantas medicinais no âmbito familiar; Horta medicinal: Conhecimentos e interesses em sua implantação; e Conhecimento e incentivo dos profissionais da saúde em relação a fitoterapia e uso terapêutico das plantas\ervas medicinais.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS OBTIDOS

Para conhecer os saberes, as práticas e outros interesses sobre o uso terapêutico de plantas medicinais, por usuários do programa HIPERDIA do Sistema Único de Saúde (SUS) das cidade de Aracruz/ES e Ibirapu/ES, levantando as plantas medicinais mais utilizadas pelos referidos usuários no tratamento de patologias que afetam os moradores destas comunidades, e também, elaborando um programa de educação em saúde nas UBS de referência do Bela vista/Aracruz e Campagnaro/Ibirapu para esses usuário que valorize o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, podendo promover a implantação de cultivo de uma horta medicinal comunitária.

A partir da análise das respostas dos usuários do programa HIPERDIA do SUS das UBSs pesquisadas, sendo elas relacionadas as experiências vividas de cada um, as entrevistas e seguindo o critério de categorização proposto, foi possível evidenciar as informações relacionadas ao objetivo geral proposto que foi de conhecer os saberes, as práticas e outros interesses sobre o uso terapêutico de plantas medicinais, por usuários deste programa do município de Aracruz/ES e Ibirapu/ES.

3.1 SABERES E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NO ÂMBITO FAMILIAR

Nessa categoria é exposto como os participantes dessa pesquisa aprenderam sobre o uso de plantas medicinais. Quando questionados, doze dos entrevistados mencionaram que tiveram seu primeiro contato com o uso de plantas medicinais ainda na infância, quando viam esse tipo de prática ser realizada por suas mães e avós, mencionadas em dois relatos a seguir:

“Aprendi com minha mãe na roça né, não existia remédio naquela época e a gente curava tudo com chá (Itaúba)”.

“Aprendi com meus pais, a gente sempre morou na roça desde pequeno, só dava isso (chás) pra gente (Pinho).”

Essa observação desempenha um papel significativo no aprendizado sobre o uso de plantas medicinais baseada na observação e na vivência prática que foi enraizada junto as tradições culturais e nos costumes passados. As mães e avós são vistas como referências culturais nesse contexto, transmitindo seus conhecimentos e experiências para as gerações mais jovens.

Nota-se que o fato de presenciar suas mães e avós fazendo o uso de plantas medicinais, fez com que os participantes obtivessem conhecimentos sobre as suas propriedades curativas, preparações e formas de utilização. Essa aprendizagem ocorreu de forma natural, integrada ao cotidiano familiar, e foi internalizada pelos participantes como parte de sua bagagem cultural como evidenciado nas falas seguintes:

“Boldo é muito bom pra dor de barriga, desinteria, tomo esse sempre, nem tomo mais remédio pra barriga, boldo amarga mas é tiro e queda, minha avó sempre fazia pra gente quando estava ruim do estômago (Imbuia).”

“Eu lembro quando eu tinha barriga inchada quando era criança, minha mãe fazia o chá de cidreira dessa forma que eu falei, fervia, abafava, coava e eu tomava e eu melhorava rapidinho, fazia efeito e bem rápido (Jacarandá).”

No entanto, por mais que a grande maioria dos entrevistados relata praticar o uso da fitoterapia no seu dia a dia, alguns participantes ainda têm receio de adicionar essa prática devido à falta de conhecimento no preparo e manuseio das plantas:

“É, hoje em dia as redes sociais mostram muito chá disso, chá daquilo, chá daquilo outro pra um tipo de doença pra outro tipo de doença, mas não sabemos direito como usar né (Cumarú).”

“Não vejo muita vantagem no uso, mas eu gosto, acho bom o gosto do chá, um dia eu tomei chá de camomila e não dormi bem não. Então as vezes é bom só pra quem gosta, porque as vezes não dá o efeito na gente, não faz nada, não sei porque (Jatobá).”

Porém, é importante ressaltar que a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais pode variar em diferentes contextos familiares e culturais. Nem todas as famílias têm esse tipo de prática ou conhecimento, e algumas pessoas podem ter aprendido sobre o uso de plantas medicinais por meio de outras fontes, como escolas, comunidades, rede sociais ou profissionais de saúde. Porém, quando não bem divulgado cientificamente sobre o preparo, manuseio e uso correto pode trazer alguns malefícios a saúde.

No geral, a transmissão dos saberes sobre plantas medicinais através da observação da prática familiar ressalta a importância da preservação e valorização das tradições culturais relacionadas à saúde e ao bem-estar, bem como a necessidade de compartilhar esses conhecimentos de forma mais ampla para promover uma abordagem holística e sustentável dos cuidados em saúde.

3.2 HORTA MEDICINAL: CONHECIMENTOS E INTERESSES EM SUA IMPLANTAÇÃO

Foi demonstrado interesse pelos 12 entrevistados (100%) dos participantes quando proposto um trabalho educativo junto a implantação da horta medicinal nas Unidades de Saúdes pesquisadas. Em observação: Através das observações indiretas durante a entrevista notou-se que as falas nas entrelinhas atendem as observações feitas pelas pesquisadoras e contribuem para essa conclusão.

A implantação de uma horta medicinal em uma Unidade de Saúde de Referência pode ser uma estratégia eficaz para promover a educação em saúde, fornecer informações sobre plantas medicinais e seus benefícios, manuseio e formas de preparo, além de incentivar o autocuidado e a adoção de práticas saudáveis. Essa abordagem pode capacitar os pacientes e demais divulgadores de conhecimento a utilizar de forma consciente e segura as plantas medicinais como complemento aos tratamentos convencionais.

O interesse manifestado pelos participantes sugere que eles reconhecem o valor e a importância das plantas medicinais na promoção da saúde e no cuidado com as doenças. Eles estão dispostos a participar de um trabalho educativo, o que indica um desejo de aprender e se envolver ativamente na utilização das plantas medicinais como recursos terapêuticos como demonstrado na fala a seguir.

“Eu viria sim, participaria, porque eu já sei que faz bem, que é bom. Desde criança fui cuidada com chá, essas coisas aí, chá natural, sei que faz bem então eu iria sim pra poder aprender mais e usar melhor (Jacarandá).”

Portanto, o uso das plantas medicinais/fitoterapia, quando instituído na Saúde da Família e/ou nas equipes de atenção básica para populações específicas, torna-se campo fértil para o desenvolvimento de suas potencialidades de forma multiprofissional e abre um leque de possibilidades e vantagens, como a

aproximação dos trabalhadores da saúde com a comunidade; amplia as ofertas de cuidado, favorecendo a integralidade em saúde; e amplia o diálogo entre as equipes de saúde e comunidade, fomentando o protagonismo dos sujeitos. Como recurso terapêutico adicional, aumenta a capacidade resolutiva e as ofertas de cuidado do serviço, permitindo substituir, como também diminuir, o abuso e dependência de algumas medicações. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, 2012, série A. Normas e Manuais Técnicos Cadernos de Atenção Básica, n. 31)

Essa receptividade pode ser atribuída ao reconhecimento dos benefícios das práticas tradicionais de saúde, à busca por alternativas naturais e à valorização das tradições familiares e culturais. Além disso, a implantação da horta medicinal na Unidade de Saúde de Referência pode representar uma oportunidade de acesso mais fácil a essas plantas.

Portanto, considerando o interesse demonstrado pelos participantes, a implantação de um trabalho educativo junto à horta medicinal pode ser uma iniciativa promissora para a promoção da saúde baseada em plantas medicinais, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais e para uma abordagem mais integrativa e sustentável nos cuidados em saúde.

3.3 CONHECIMENTO E INCENTIVO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM RELAÇÃO A FITOTERAPIA E USO TERAPÊUTICO DAS PLANTAS\ERVAS MEDICINAIS.

Notou-se que somente 25% dos entrevistados já receberam algum tipo de informação sobre o uso da fitoterapia pelos profissionais de saúde, o que nos mostra que talvez a falta de planejamento ou a própria desvalorização desta prática fez com que gerasse essa dificuldade de implementação do uso de plantas medicinais na atenção primária.

“Nunca recebi orientação, sempre fui na unidade, em consulta de médico, mas nunca nenhum médico me recomendou a tomar chá de nada não, nenhum, que eu me lembre não. Nenhum manda, que eu me lembre não, só remédio de farmácia mesmo, mais prático né (Jacarandá). ”

Nesse contexto, é interessante que os profissionais de saúde se adequem ao conhecimento dessas práticas alternativas como o uso das plantas medicinais e fitoterápicos, manuseio, modo de preparo e formas de uso de modo a entender que esta prática está presente no cotidiano dos pacientes nos serviços de saúde. Além da atenção e cuidado quando prescrever um medicamento convencional a população garantindo que o paciente não está fazendo o uso concomitante com algum tipo de remédio caseiro já que pode ocorrer interação medicamentosa entre eles.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de plantas medicinais é um campo vasto e complexo que combina conhecimentos ancestrais com evidências científicas atuais que vem explorando as propriedades terapêuticas das plantas a fim de tratar doenças e promover a saúde da população que adere ao uso desta prática. Ao fomentar pesquisas sobre fitoterapia, é possível ampliar nosso entendimento das propriedades das plantas medicinais, fortalecer a base científica dessas práticas e permitir que essa abordagem seja integrada de forma mais eficaz aos sistemas de saúde convencionais.

A formação de profissionais de saúde nesse domínio é crucial para assegurar a segurança e eficácia do uso de plantas medicinais, onde os mesmos adquirem habilidades para identificar, avaliar e recomendar tratamentos fitoterápicos de forma integrada com a medicina convencional. Eles também aprendem a discernir entre práticas tradicionais seguras e métodos arriscados, sendo assim, através do uso criterioso e

informado das plantas medicinais, é possível alcançar benefícios terapêuticos significativos. No entanto, é crucial lembrar que essa abordagem requer responsabilidade e cautela.

Dessa forma a inclusão da fitoterapia na grade curricular de acadêmicos se torna conveniente e significativa uma vez que traz um conhecimento abrangente, uma abordagem holística e alternativa ou complemento nos tratamentos convencionais, minimizando os efeitos colaterais e contribuindo para pesquisas, conscientização ambiental e preparação para a prática profissional.

Além disso, a pesquisa sobre fitoterapia desempenha um papel fundamental ao fornecer evidências científicas que sustentam o uso das plantas para a saúde humana. Isso ajuda a diminuir o ceticismo e aumenta a aceitação da fitoterapia dentro da comunidade médica e entre os pacientes. Através das pesquisas, novas descobertas podem surgir, revelando o potencial das plantas medicinais para abordar uma ampla gama de condições.

Em última análise, a sabedoria do uso de plantas medicinais é um equilíbrio entre o conhecimento tradicional transmitido ao longo das gerações e as abordagens modernas baseadas em evidências. Através da educação, pesquisa e prática responsável, podemos maximizar os benefícios terapêuticos das plantas medicinais enquanto garantimos a segurança e a eficácia para a saúde e o bem-estar de todos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa, 2010. 281 p.

CARVALHO, Ângela Maria; JÚNIOR, Antonio Navarro. A Magia das Ervas e seu Axé. São Paulo – Madras, 2003.

Dalmolin, Diego Anderson. Melhoramento de plantas [recurso eletrônico] / Diego Anderson Dalmolin, Eva Reda Moussa Mansour, Natália Santos de Santana; revisão técnica: Tânia Maria Bayer da Silva. – Porto Alegre: SAGAH, 2020. ISBN 978-65-5690-063-6 1. Engenharia agrônômica. 2. Melhoramento vegetal. I. Mansour, Eva Reda Moussa. II. Santana, Natália Santos de. III. Título. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786556900636>

Franceschini Filho, Sérgio. Fitoacupuntura: a simplicidade e a força das plantas como facilitadoras da saúde / Sérgio Franceschini Filho. - São Paulo: Roca, 2013. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/978-85-412-0157-5>

Guia de Plantas Medicinais 2006. Ano 2 – nº 2. São Paulo – Online, 2006.

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinaiis_cab31.pdf

<https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/28283344.pdf>

<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre-medicamentos/orientacoes-sobre-o-uso-de-fitoterapicos-e-plantas-medicinaiis.pdf>

MATOS, F.J.A. Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 4ª ed. Ver.ampliada – Fortaleza: UFC, 2002.

MATOS, F.J.A. Plantas Medicinais: guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil. 3ª ed. Fortaleza: UFC, 2007.

Medicina em áreas remotas no Brasil / Adolfo Toshio Cotarelli Sasaki ... [et al.]; editores Juliana R. M. Schlaad, Sascha W. Schlaad. - 1. ed. - Barueri [SP]: Manole, 2020. 544 p. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788578683740>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8º Ed. São Paulo: HUCITEC, 2004, 269 p

Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos- infarma, v.19, nº 1/2, 2007, pg 33).

Reichardt, Klaus Água e sustentabilidade no sistema solo-planta-atmosfera / Klaus Reichardt, Luís Carlos Timm. -- Barueri, SP: Manole, 2016. -- (Série sustentabilidade / Arlindo Philippi Jr., coordenador).
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788520446805>

Reis, Agnes Caroline dos. Manejo de solo e plantas [recurso eletrônico] / Agnes Caroline dos Reis; [revisão técnica: Vanessa de Souza Machado]. – Porto Alegre: SAGAH, 2017. Editado também como livro impresso em 2017. ISBN 978-85-9502-284-3
1. Gestão ambiental. 2. Solos - Manejo. I. Título.
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788595022843>

ROSA, Sandra Marcia de Freitas Lima; VERRA, Solimar de Faria. Introdução a Fitoterapia. Divisão de Programas – Núcleo de Programas de Saúde – Programa de Fitoterapia. Secretaria Municipal de Saúde – Coordenadoria de Saúde Coletiva – Prefeitura Municipal de Duque de Caxias – RJ.

SPETHMANN, C. N. Medicina Alternativa de A a Z. 6ª ed. São Paulo – Natureza, 2004.

Villagra, Berta Lúcia Pereira Reconhecimento e seleção de plantas: processos, morfologia, coleta e ciclo de vida / Berta Lúcia Pereira Villagra, Rony Ristow, Francini Imene Dias Ibrahim. -- São Paulo: Érica, 2014. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536520698>